



AUTORIA E RESPONSABILIDADE DE JESUS CRISTO EM “A PARÁBOLA DO SEMEADOR” A PARTIR DA ESCRITURA DO EVANGELISTA MATEUS
Authorship and responsibility of Jesus Christ in "The parable of the sower" from the scripture of the Matthew evangelist

WILDER KLEBER FERNANDES DE SANTANA¹

RESUMO: Este trabalho especifica como objeto de análise algumas enunciações de Jesus Cristo presentes no relato do evangelista Mateus, capítulo 13 (edição Almeida Clássica (2012) – Bíblia de Estudo DAKE). Com base nos estudos bakhtinianos, realizamos a análise discursiva a partir de duas categorias: autoria e responsividade. Tratamos, também, do conceito de escritura, tendo em vista os postulados de Barthes e Boterró y otros. É uma análise de cunho bibliográfico, em que os resultados demonstram que o sujeito enunciativo ocupa lugar em determinado espaço social, incidindo sobre a constituição de uma forma de subjetividade – autor – no processo de enunciação.

ABSTRACT: This paper specifies as object of analysis some statements of Jesus Christ present in the account of the evangelist Matthew, chapter 13 (DAKE Bible Study). Based on the Bakhtinian studies, we conducted the discursive analysis from two categories: authorship and responsibility. We also deal with the concept of writing, in view of the postulates of Barthes and Boterró et al. It is a bibliographical analysis, in which the results demonstrate that the enunciative subject occupies place in a certain social space, focusing on the constitution of a form of subjectivity - author - in the process of enunciation.

PALAVRAS-CHAVE:
 Responsividade. Jesus Cristo.

Autoria.

KEYWORDS:
 Responsiveness. Jesus Christ.

Authorship.

SANTANA, W. K. F. de. Autoria e responsividade de Jesus Cristo em “A parábola do semeador” a partir da escritura do evangelista Mateus. In. **Revista Diálogos**, v. 7, n. 3, out.-dez., 2019.

¹ Doutorando em Linguística (Proling - UFPB, 2018); Mestre em Linguística (Proling - UFPB, 2016); Mestre em Teologia (Faculdade Teológica Nacional, 2016); Mestrando em Arqueologia Bíblica (Faculdade Teológica Nacional, 2017); Especialista em Gestão da Educação Municipal (UFPB, 2017). Poeta e Escritor Paraibano. wildersantana92@gmail.com





INTRODUÇÃO

O presente artigo delimita como objeto de estudo as enunciações de Jesus Cristo na Parábola do Semeador (seu dirigir-se a outros), a partir da escritura do evangelista Mateus, registrada na edição Almeida Clássica (2012) – Bíblia de Estudo DAKE. A escolha dessa edição bíblica deve-se à presença de comentários, atlas, concordâncias e outras produções extra-bíblicas pertinentes à composição de suas notas explicativas, oferecendo, assim, fundamentos para esta proposta de estudo. O *corpus* constitui-se de 20 (vinte) versículos bíblicos relatados por Mateus em seu evangelho acerca de palavras de Jesus. Trata-se, portanto de uma produção de cunho qualitativo-interpretativo.

Daremos visibilidade analítica aos fenômenos da autoria e da responsividade, o primeiro consistindo em um modo particular da relação entre sujeito e linguagem, concebida aqui numa perspectiva enunciativa. Nos termos de Francelino (2007), esse tipo de abordagem permite-nos apreender a relação sujeito-linguagem no processo de enunciação, observando-se os procedimentos de formulação do discurso no processo de tessitura e não apenas no enunciado acabado (produto deste ato). Desse modo, nosso olhar estará para além das posições sócio-historicamente pré-determinadas que o sujeito ocupa em determinado espaço social, incidindo sobre a constituição de uma forma de subjetividade – autor – no processo de enunciação.

A responsividade, por sua vez, é uma categoria utilizada por Bakhtin (1993 [1924]), inicialmente acerca do Ato e dos atos humanos [em processo], e sobre sua linguagem e seus meios de diálogo vivo, a qual classifica como necessária à condição concreta da vida. Consiste no agir ético em que o sujeito se responsabiliza pelo que enuncia, projetando-se de forma clara ao(s) outro(s), e deste modo se insere na história enquanto agente racionalmente ativo.

Nesse direcionamento, no discurso presente em “A parábola do semeador”, cada elemento concludente se situa em zona fronteira com outros elementos enunciados dialogicamente: “um ponto de vista a outro ponto de vista, uma avaliação a outra avaliação, um acento a outro acento (e não como dois fenômenos linguísticos abstratos).” (BAKHTIN, 2015, p. 99).





Assim, os discursos que se encontram atravessados por diálogos alheios não têm sentido único, mas seus sentidos múltiplos se concretizam através da heterodiscursividade, ou a capacidade que os enunciados têm de se interligarem, através de um processo de interpenetração. “Em cada momento concreto da formação discursiva, os enunciados são estetificados em camadas socioideológicas, ou seja, manifestam-se através da história e da memória culturais (processo de estetificação).” (SANTANA, 2017, p. 237).

Objetivamos analisar os fenômenos da autoria e da responsividade em alguns enunciados a fim de compreender como a escritura, fechada e hermética, permite abertura (fluência semântica) no contato com o leitor, posto que este último confere sentidos múltiplos ao texto, avaliando a arquitetura, especificamente o “conteúdo temático, o estilo e a construção composicional” (BAKHTIN, 2006, p. 262). Assim, pensando nesta escritura que permite a decifração e descoberta da voz, e considerando que Zumthor (2007) trabalha com a proposição de duas teses na sua composição e identificação, a voz constitui o lugar simbólico, o qual não pode ser definido de outra forma que por uma relação, uma distância, uma articulação entre o sujeito e o objeto, entre o objeto e o outro. A voz é um signo inobjetivável. Desse modo, quando a percebemos, a voz estabelece ou restabelece uma relação de alteridade, que funda a palavra do sujeito. (ZUMTHOR, 2007).

Essa voz está vinculada à apresentação de uma nova possibilidade de perspectiva autoral, ao observarmos de que forma esta se estabelece em situações sociocomunicativas orais de uso da língua, como é o caso do gênero *exposição oral*. De maneira idêntica, pretende-se afirmar a importância da representação dialógico-discursiva do sujeito Jesus Cristo, enquanto autor de um dizer, na medida em que este constitui o seu discurso por meio da interação com os discursos de outrem (levando em consideração o(s) modo(s) de comunicação alheio(s)).

A base teórica que fundamenta o nosso trabalho orientará a discussão e análise, por um lado, na perspectiva de Barthes (1971) e Boterró y otros (1995), acerca da noção de escritura, e, por outro lado, na abordagem da Teoria Dialógica da Linguagem, formulada por Mikhail Bakhtin (1993 [1920-1924], 2006 [1979],





2015 [1975], Volochínov (2017 [1929]) e seus interlocutores no cenário das pesquisas desenvolvidas no Brasil. A Teoria Dialógica da Linguagem adquire visibilidade num campo de investigação científica a partir de conceitos elaborados no âmbito do pensamento do Círculo de Bakhtin e que alicerça a produção de pesquisadores brasileiros, dentre eles, Brait (2012), Faraco (2009) Fiorin (2006), Francelino (2013), Santana (2017), dentre outros.

Com base no exposto, selecionamos “A parábola do semeador”, proferida por Jesus Cristo, quando estava assentado junto ao mar (Mt. 13. 1), a partir da Escritura sinótica de Mateus. Analisamos como ocorrem os fenômenos da autoria e da responsividade no ato discursivo de Jesus, em sua exposição oral sobre a parábola do semeador, a partir do relato evangelístico mencionado.

1. BREVES INCURSÕES SOBRE O CONCEITO DE ESCRITURA

Barthes (1971) e Bottéro y otros (1995) elaboraram importantes conceitos de escritura, ao longo da segunda metade do século XX. Na concepção de Barthes (1971, p. 23), “entre a língua e o estilo, há lugar para outra realidade formal: a escritura.” É assim que existe “a escolha geral de um tom, de um *ethos*, por assim dizer, e é precisamente nisso que o escritor se individualiza claramente porque é nisso que ele se engaja”. (BARTHES, 1971, p. 23).

Ao refletir sobre a escritura desde a formação da inteligência na antiga Mesopotâmia, Jean Bottéro (1995, p.15), que se debruça sobre os postulados de J. Goody e de Lévi-Strauss, afirma que é necessário o caráter de abertura semântica que o sujeito estabelece no contato com seu material “para avanzar en la precisión y la capacidade de decir todo antes que limitar-se a recordar; dicho em otros términos, para saltar de la mnemotécnica a la escritura...²” (1995, p. 15). Nesse sentido,

A escritura é uma realidade ambígua: de um lado nasce incontestavelmente de uma confrontação do escritor com a sociedade; de outro lado, por uma espécie de transferência

² Para avançar, com precisão e capacidade de dizer tudo, ao invés de limitar-se em lembranças. Em outras palavras, para saltar da mnemotécnica da Escritura... (tradução nossa)





mágica, ela remete o escritor, dessa finalidade social, para as fontes instrumentais de sua criação. (BARTHES, 1971, p. 25).

Na linha interpretativa deste autor, as escrituras (e pode-se pensar nos Evangelhos sinóticos), ainda que sejam diferentes, são comparáveis, pelo fato de serem produzidas por um movimento idêntico, que é a reflexão do autor sobre “o uso social da forma e a escolha que ele assume” (BARTHES, 1971, p. 24). Assim, a escritura seria, em essência, um ato de escolha do escritor em que situa a natureza de sua linguagem.

Dentre as três narrativas bíblicas sinóticas (Evangelho segundo Mateus, Marcos e Lucas), optamos aqui por trabalhar com o relato de Mateus por ser esta a narrativa mais ampla e explicativa (acerca dessa passagem), detalhada, a conter enunciados que parecem proporcionar ao leitor maior compreensão no ato da leitura. A escolha do escritor, para Barthes, “é uma escolha de consciência, não de eficácia”. (BARTHES, 1971, p. 25). Adentrando nesse percurso seletivo, podemos inferir que Barthes falava a partir de uma postura linguística pós-estrutural.

Em abordagem discursiva, na ótica de Bakhtin, além de esses aspectos nortearem um entorno de sentidos, “os tipos de discurso levam em conta mudanças por culturas e épocas... seriam as condições de percepção do som, as condições de identificação do signo, as condições da compreensão assimiladora da palavra.” (BAKHTIN, 2006, p. 369).

2. AUTORIA NA DIMENSÃO LINGUÍSTICO-ENUNCIATIVO-DISCURSIVA

De maneira concisa, traremos inicialmente uma série de domínios, princípios e características linguístico-enunciativo-discursivas pelos quais se propõe que a autoria seja considerada. Francelino (2013, p. 10-17) evidencia, mediante os elementos supracitados, como o sujeito se constitui na/pela linguagem, representando-se como autor dos enunciados que produz, como uma instância produtora de sentido(s). Para isso, propõe três domínios a partir dos quais o sujeito formula seus dizeres: o enunciativo, o discursivo e o linguístico. A partir daí, aponta princípios e características do processo autoral, conforme apresentado no quadro a seguir.





Quadro 1: domínios, princípios e características da autoria

AUTORIA: DOMÍNIO LINGUÍSTICO-ENUNCIATIVO-DISCURSIVO	
Princípios	1º O autor é uma instância individual que se constitui na alteridade 2º O autor instaura um leitor/interlocutor no processo enunciativo
Características	1. O autor atribui um fim provisório ao enunciado 2. O autor se manifesta nas variações que o gênero sofre no decorrer do processo enunciativo. 3. O autor realiza um trabalho de seleção/cominação lexical no plano linguístico da enunciação.

Elaboração nossa a partir das ideias de Francelino (2013)

Em relação ao primeiro princípio, o autor é um sujeito singular, único, mas que só se constitui como tal em função da alteridade que lhe funda, isto é, todos os seus enunciados se banham no imenso fluxo da atividade verbal em que o outro está, necessariamente, presente. O segundo princípio, por sua vez, também diz respeito a um aspecto inerente à posição de autor, que é o fato de este sempre *partir de* e *dirigir-se a* alguém, que vai desde o interlocutor virtual, aquele que está no horizonte discursivo do autor, quanto o interlocutor real, concreto, presente na interação face a face.

No que concerne às características da autoria, recorreremos a alguns postulados da própria noção de gênero discursivo. Na primeira, compreendemos o autor como aquele que atribui, provisoriamente, um fim ao enunciado, considerando que este é sempre aberto, podendo suscitar réplicas, entonações, valorações axiológicas, a depender dos elementos do contexto enunciativo, como a esfera discursiva, o projeto enunciativo do autor, dentre muitos outros.

A segunda característica concerne ao fato de o autor poder imprimir ao gênero discursivo certas nuances que o tornam flexível, instável. Não postulamos aqui que o sujeito tenha, ele próprio, sozinho, poder de modificar o gênero, alterando sua configuração linguístico-enunciativo-discursiva, mas, no processo enunciativo, a depender do contexto comunicativo, o gênero pode sofrer certas





variações por parte do autor. Por fim, a terceira característica diz respeito às escolhas linguísticas operadas pelo autor para a formulação de seus enunciados. A língua coloca à disposição do sujeito um arsenal de formas que ele poderá utilizar a serviço de seu projeto enunciativo, sendo isso o que configura, na nossa concepção de autoria, o trabalho do autor com a língua, considerada aqui como viva, concreta, real.

Diante do quadro acima representado, salientamos que, para a realização da análise, centraremos nossa atenção apenas na terceira característica, segundo a qual *o autor realiza um trabalho de seleção/combinção lexical no plano linguístico da enunciação*, uma vez que a demanda principal de discussão da análise gira em torno deste eixo: o sujeito Jesus Cristo, em suas enunciações, profere-as por um querer-dizer, por escolha. De acordo com Bakhtin (1997, p. 301),

O querer-dizer do locutor se realiza acima de tudo na *escolha de um gênero do discurso*. Essa escolha é determinada em função da especificidade de uma dada esfera da comunicação verbal, das necessidades de uma temática (do objeto do sentido), do conjunto constituído dos parceiros, etc. (BAKHTIN, 2006, p. 301) (Grifos do autor).

Medviédev (2016 [1928])³, outro estudioso e integrante do Círculo de Bakhtin, fornece informações valiosas para uma concepção de gênero na perspectiva de que a linguagem se materializa por meio de enunciados concretos, articulando interior e exterior, “viabilizando a noção de sujeito histórica e socialmente situado” (BRAIT, 2012, p. 373).

Mesmo em se tratando aqui do gênero *exposição oral*, o qual apresenta especificidades semânticas (como o ato discursivo e a situação comunicativa), perceberemos que tal gênero abriga outros, como é o caso da parábola, que aparece na exposição oral elaborada por Jesus na situação comunicativa em análise.

³ Especificamente na obra “O método formal nos estudos literários: uma introdução crítica a uma poética sociológica”, no capítulo “Os elementos da construção artística/O problema do gênero”.





Vejamos, primeiramente, o contexto em que se encontrava Jesus Cristo, no momento em que começou a expor, oralmente, “A parábola⁴ do semeador”. De acordo com o capítulo 13 do Evangelho segundo Mateus, após sair de casa, estava Jesus assentado junto ao mar (v. 1). Então, conta-nos o escrito que se ajuntou uma grande multidão ao pé dele (próximo a ele), até que este entrou num barco e se assentou, enquanto a multidão permaneceu em pé na praia (v. 2). A partir do versículo 3, encontramos o seguinte registro:

Quadro 2: Primeira Instância expositiva da parábola

EVANGELHO SEGUNDO MATEUS, CAPÍTULO 13	
v. 3	E falou-lhes de muitas coisas por parábolas, dizendo: eis que o semeador saiu a semear.
v. 4	E quando semeava, uma parte da semente caiu ao caminho, e vieram aves, e comeram-na.
v. 5	E a outra parte caiu em pedregais, onde não havia terra bastante, e logo nasceu, porque não havia terra funda.
v. 6	Mas, vindo o sol, queimou-se, e secou-se, porque não tinha raiz.
v. 7	E a outra caiu em espinhos, e os espinhos cresceram, e sufocaram-na.
v. 8	E outra caiu em boa terra, e deu fruto: um a cem, e outro a sessenta, e outro a trinta.

Elaboração nossa.

A partir do contexto acima, percebemos que o princípio da seleção enunciativa é manifestado pelo sujeito falante Jesus Cristo a partir do momento em que seleciona uma combinação de palavras da língua em que enuncia: tanto em seus discursos face a face quanto nas pregações, Jesus falava normalmente em aramaico, que era o idioma comum para o uso diário entre os judeus da Galiléia. Atesta-se isso na versão grega dos Evangelhos, em que algumas palavras ou expressões são atribuídas a Jesus em aramaico: *talitha qum/ Talita cumi* [Menina, eu te ordeno, levanta-te] (Mc 5.41), *corbán* [oferta ao Senhor] (Mc 7.11), *effetha/efatá* [abre-te] (Mc 7,34), *abbá/Aba* [paizinho, indicação de intimidade] (Mc 14.36), *Eloí, Eloí, lamá sabactani* [Deus meu, Deus meu, porque

⁴No contexto bíblico cristão, entende-se por parábola “Uma comparação, um paralelo: uma narração curta para ensinar uma verdade moral ou espiritual... A parábola ensina verdades celestiais” (BOYER, 2009, p. 401). Assim, “como figura de linguagem, é uma narração alegórica que contém algum preceito moral... uma história que, por meio de um palavreado simbólico, serve para ilustrar uma verdade, seja de ordem moral ou espiritual. Jesus utilizou-se muito desse recurso em suas falas” (SABBAG, 2009, p. 387).





me desamparaste?]) (Mc 15.34). Esse ato seletivo, por parte do sujeito, dá-se em função de alguns aspectos, tais como: (i) *as condições amplas e imediatas da enunciação, ou seja*, para que(m) eu falo, com que intuito eu falo, que papel(is) social(is) desempenha(m) meu(s) interlocutor(es) no processo enunciativo; (ii) e o *gênero discursivo* nos quais se integram as interações.

No caso do sujeito Jesus Cristo, ele precisou estar de acordo com as condições emergentes do seu discurso. Como falaria? *A quem e de que forma* falaria, se havia uma multidão assentada aos seus pés? Caso seja feita uma leitura completa não só deste capítulo, mas também dos circundantes, veremos que a enunciação não apenas é dirigida (por Jesus) a uma multidão, mas especificamente a seus discípulos, de acordo com o texto de Mt 13. 10. Isso muda totalmente o percurso interpretativo, pois nos permite entender o porquê de Jesus lhes falar por parábolas. Vejamos outro segmento dessa narrativa.

Quadro 3: Segunda Instância expositiva da parábola

EVANGELHO SEGUNDO MATEUS, CAPÍTULO 13	
v. 10	E acercando-se dele os discípulos, disseram-lhe: Por que lhes falas por parábolas?
v. 11	E ele, respondendo, disse-lhes: Porque a vós é dado o conhecer o mistério do reino dos céus, mas a eles não lhes é dado;
v. 13	Por isso lhes falo por parábolas. Porque eles, vendo, não veem, e ouvindo, não ouvem nem compreendem.

Elaboração nossa.

Nesse fragmento, o sujeito falante Jesus Cristo teve o intuito de enunciar por parábolas para que apenas alguns dos interlocutores a compreendessem, almejando descobrir em momentos vindouros quem (entre a multidão) quereria escutar o significado da parábola. Com isso, entendemos que existe um querer-dizer por parte do enunciador, e ao mesmo tempo um querer-ocultar através de seu dizer, ou seja, projetou seu discurso na formulação de algumas palavras seletas e ocultou outras para que as pudesse explicar pouco tempo depois.

Neste momento em que Jesus enunciou sua parábola, vários enunciados ficaram permeáveis à sua expressividade, ou seja, seu discurso poderia ter mais de um sentido [a depender de como foi recebido por cada destinatário – o(s) outro(s)]. Como afirma Bakhtin (1997. p. 318):





[...] em todo enunciado, contanto que o examinemos com apuro, levando em conta as condições concretas da comunicação verbal, descobriremos as palavras do outro ocultas, ou semi-ocultas e com graus diferentes de alteridade. Dir-se-ia que um enunciado é sulcado pela ressonância longínqua e quase inaudível da alternância dos sujeitos falantes e pelos matizes dialógicos, pelas fronteiras extremamente tênues entre os enunciados e totalmente permeáveis à expressividade do autor. (BAKHTIN, 2006, p. 318.)

É nessa rede dialógica – o discurso – que se instituem sentidos que não são originários do momento da enunciação, mas que fazem parte de um *continuum*. Então, onde está o princípio dialógico neste ato enunciativo? Como constataremos mais à frente, a dialogicidade deste discurso ocorrerá na própria explicação da parábola, o que selecionamos aqui como um segundo momento da exposição oral. Quando adentramos nesse segundo instante, entendemos que o discurso é esclarecido para todos os que quiseram compreender a parábola. Para Bakhtin (2006, p. 311), “[...] quando escolhemos uma palavra, durante o processo de elaboração de um enunciado, nem sempre a tiramos, pelo contrário do sistema da língua, da neutralidade *lexicográfica*. Sempre costumamos tirá-la de outros enunciados...” (grifos do autor).

Percebemos essa retomada enunciativa quando Jesus se reporta ao escrito messiânico de Isaías. Quando profere Mt 13.14 (“E neles se cumpre a profecia de Isaías, que diz: Ouvindo, ouvireis, e não compreendereis, e vendo, vereis, mas não percebereis”) está retomando Is 6.9 (Então disse ele: Vai, e dize a este povo: Ouvis, de fato, e não entendeis: e vedes, em verdade, mas não percebeis) para justificar o fato de grande parte da multidão não compreender a parábola.

Segundo a narrativa Bíblica, no ano em que morrera o rei Uzias (rei de Judá, filho de Azarias, II Reis 15. 1-13), foi dada uma ordem por Deus ao profeta Isaías para que este repreendesse o povo, pois o coração das pessoas estava endurecido e elas fecharam os olhos para que não pudessem entender com o seu coração (conforme relato de Is 6.1 e 10). Jesus, então, ressignifica esta passagem no Novo Testamento, dando-lhe uma nova significação, com sentido semelhante.





A não compreensão por parte do povo se dava por dois motivos específicos: o primeiro, porque os discípulos já vinham sendo instruídos por seu Mestre⁵ mediante uso de parábolas, ou seja, estavam acostumados com este tipo de linguagem, diferentemente da multidão. O segundo motivo ganha materialidade pelo que lemos em Mt 13. 15: “Porque o coração deste povo está endurecido, e ouviram de mau grado com seus ouvidos, e fecharam seus olhos, para que não vejam com os olhos, nem ouçam com os ouvidos, e não compreendam com o coração....”

Ou seja, o povo não deu o valor necessário à parábola, gênero este que requer bastante atenção, tanto por se constituir de sentidos múltiplos, quanto por ser caracterizado por uma heterogeneidade discursiva, dentre outros aspectos, como, em muitas vezes, a linguagem figurada, cifrada. Nesse instante, podemos dizer que não estava acontecendo interação em sentido pleno entre o locutor e (parte dos) seus interlocutores, pois o significado das palavras estava flutuando. Segundo Francelino (2013, p. 17), “se a cada momento que utilizássemos a palavra seu significado flutuasse, não haveria comunicação entre os sujeitos falantes”.

Quadro 4: Explicação da parábola.

EVANGELHO SEGUNDO MATEUS, CAPÍTULO 13	
v. 18	Escutai vós, pois, a parábola do semeador.
v. 19	Ouvindo alguém a palavra do Reino, e não entendendo, vem o maligno, e arrebatá o que foi semeado em seu coração; este é o que foi semeado ao pé do caminho.
v. 20	Porém, o que foi semeado em pedregais é o que ouve a palavra e logo a recebe com alegria.
v. 21	Mas não tem raiz em si mesmo, antes é de pouca duração; e, chegada a hora da angústia e a perseguição por causa da palavra, logo se ofende.
v. 22	E o que foi semeado entre espinhos é o que ouve a palavra, mas os cuidados deste mundo, e a sedução das riquezas, sufocam a palavra, e fica infrutífera.
v. 23	Mas o que foi semeado em boa terra é o que ouve e compreende a palavra; e dá fruto, e produz um cem, outro sessenta, e outro trinta.

Elaboração nossa.

⁵ Os discípulos se dirigiam a Jesus, muitas vezes, chamando-o de Rabi ou de Mestre.





O segundo momento da exposição oral de Jesus é considerado aqui como o instante em que permite a todos a explicação da parábola. Veja-se:

3. ANÁLISE(S) DA PARÁBOLA

Jesus, enquanto sujeito da enunciação, reporta-se ao seu auditório de forma valorativa e responsável, e em meio às circunstâncias espaciais e temporais, solicita que todos prestem atenção às significações imediatas da parábola do semeador. Jesus, ao transgredir a Lei mosaica, postula que existem três tipos de consciências, no que tange às pessoas que ouvem a mensagem profética de Israel. Ao fazer isso, assume o risco de ser contrastado e provoca reações, murmúrios, dúvidas. Responsiva e responsabilmente formula seu discurso, quebrando a aparente expectativa de que suas palavras ficassem flutuando (incompreensíveis).

Afirma Sobral (2009, p.84) que todo ato traz um tom avaliativo pelo qual o sujeito se responsabiliza, envolvendo um conteúdo e um processo, “que adquirem sentido ao ser unidos pela entoação avaliativa em sua relação com a responsividade ativa”, ou seja, o interlocutor não é apenas um decodificador do enunciado do outro, mas um co-produtor de sentido.

Desse modo, podemos dizer que o enunciador, apesar de recorrer a outras vozes no elo da cadeia enunciativa, assume sua própria voz, conferindo um caráter axiológico ao que diz, já que “as seleções e escolhas são, primordialmente, tomadas de posições axiológicas frente à realidade linguística, incluindo o vasto universo de vozes sociais” (FARACO, 2009). Nesse direcionamento argumentativo, o sujeito, apesar de unir atos éticos objetivados por uma coletividade, o faz “em seus próprios termos”, pelos quais tem de responsabilizar-se (SOBRAL, 2009, p.232).

A palavra de Jesus, impregnada de sua expressividade, foi assumida por ele mesmo de forma bastante específica, a depender da situação. O discurso foi enunciado, porém, não significa que todos os interlocutores o receberam da mesma maneira.





De acordo com a Teoria Dialógica da Linguagem, todos os enunciados no processo de comunicação são dialógicos e isso não seria diferente com o discurso de Jesus. No discurso sobre “A parábola do semeador”, existe uma dialogização interna da palavra, que é perpassada pela palavra do outro. Jesus, como enunciador, para constituir seu discurso, leva em conta o discurso de outrem, utilizando-o no seu discurso. Essa compreensão mútua se perfaz a partir do instante em que Jesus discursa em um plano enunciativo reconhecível por todos, ou pelo menos, pela maior parte das pessoas. Acerca deste aspecto, afirma Bakhtin:

Enquanto falo, sempre levo em conta o plano aperceptivo sobre o qual a minha fala será recebida pelo destinatário; o grau de informação que ele tem da situação, seus conhecimentos especializados na área de determinada comunicação cultural, suas opiniões e suas convicções... pois é isso que condicionará sua compreensão responsiva do meu enunciado. (BAKHTIN, 2006, p. 321).

Entretanto, é preciso atentar para o fato de que “a individualidade e o contexto imprimem seus efeitos no uso da palavra no processo da comunicação verbal humana” (FRANCELINO, 2013, p. 17). Na ótica de Bakhtin (2006, p. 127), “a arquitetônica do mundo da visão artística não ordena só os elementos espaciais e temporais, mas também os de sentido; a forma não é só espacial e temporal, mas também do sentido”. A arquitetônica faz referência ao todo, e segundo Sobral, a forma arquitetônica faz referência “à superfície discursiva, à organização do conteúdo, expresso por meio da matéria verbal, em termos das relações entre o autor, o tópico [herói] e o ouvinte” (SOBRAL, 2009, p. 68).

Levando em conta as categorias bakhtinianas da palavra, e sob a ótica da exposição oral de Jesus como um todo, somos levados a pensar o autor como uma instância subjetiva. Jesus, apesar das coerções sócio-históricas que perpassaram a sua formação, relaciona-se com a linguagem visando à produção de determinado(s) efeito(s) de sentido nas situações de uso da linguagem. Em outras palavras, ainda que, por motivos político-sociais, o chamado *Messias* estivesse enquadrado em um contexto discursivo-legal farisaico, ou seja, ainda que estivesse em um cenário cultural em que imperavam as leis do partido dos





fariseus, não submeteu seu discurso por completo e sua palavra esteve revestida de um querer-dizer. Nas palavras de Francelino,

O autor, nesse aspecto, é aquele que trabalha num espaço em que as palavras apresentam-se móveis, flutuantes, polissêmicas, ocupando este ou aquele espaço sócio-histórico e, para usar uma tese bakhtiniana, refletindo e refratando tal espaço. O autor institui-se como tal nessa instância saturada pelos enunciados outros, constituindo-se singular em meio à pluralidade e à diversidade. (FRANCELINO, 2013, p. 18).

Por fim, podemos constatar que a individualidade de Jesus, como autor, é marcada na expressão de seu querer-dizer, de sua projeção discursiva, e finalmente, de sua potencialidade para o diálogo. O discurso sobre a parábola do semeador é ressignificado pelo sujeito autor, no contato que estabelece com a realidade sócio-histórica dos interlocutores que o recebem. Assim entendemos Jesus Cristo como responsável linguística e enunciativamente por seu discurso sobre a parábola do semeador, configurando-se autor de um enunciado visivelmente dialógico.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Conforme se demonstra na análise, a autoria, entendida aqui como uma função enunciativo-discursiva do sujeito (neste caso, Jesus Cristo), é passível de ser apreendida na materialidade linguística do enunciado (no processo da enunciação), ou seja, quando nos reportamos a sua exposição oral acerca da parábola do semeador, observamos o enfoque dialógico do discurso presente nos enunciados mobilizados por Jesus em direção a seu auditório social. Compreendemos como se manifesta a dialogicidade do discurso a partir do instante em que são deixados rastros e pistas no fio do enunciado, conforme aponta Volochínov (2017 [1929]). Nesse sentido, esses rastros consistem no segundo momento de exposição da Parábola, ou seja, no momento em que o autor, Jesus Cristo, explica ao menos parte da densidade discursiva pretendida.

É na inserção linguístico-textual e enunciativo-discursiva que o autor (da parábola) coloca-se num terreno fluido de uso da linguagem, encontrando-se na zona de intersecção entre a ordem do individual e a ordem do social. Em outros





termos, o lugar da constituição/ representação de Jesus Cristo é caracterizado pela forte tensão entre suas palavras e o dizer (o silêncio é uma forma de dizer algo) do outro. Em linhas finais, vale salientar que a compreensão do universo discursivo deste sujeito autor se dá na relação que mantém com o outro.

A fim de averiguarmos as categorias *autoria* e *responsividade* nas enunciações de Jesus Cristo, através da escritura de Mateus, apoiados nas formulações bakhtinianas, identificamos marcas enunciativas responsáveis pela análise dialógica de um discurso crítico sobre um cenário *legalmente* religioso.

Nessa perspectiva, compreende-se que uma construção enunciativa não pode manter relação axiológica nem responsiva consigo mesma, “como um castelo imanente. Enquanto houver enunciados que se voltam para si mesmos, para as suas instâncias morfossintáticas ou plástico-picturais em auto-confissão, não podem ser cronotopicamente nem esteticamente significativos nem condensados” (SANTANA, 2017, p. 246). Na tentativa de criar um alibi na existência, e de inibir os entornos de um acontecimento pleno, “a ausência de suas instâncias verboideológicas e culturais concretas cegam o discurso de tal forma que se torna um sacrifício morto, vencido”. (SANTANA, 2017, p. 246).

Em linhas inacabadas, corroboramos com as construções bakhtinianas de que todo enunciado é *responsivo*, porque evoca, no elo da cadeia discursiva, uma resposta a partir de uma dada posição social, e *responsável*, uma vez que todo ato traz um tom avaliativo sobre o qual o sujeito se responsabiliza. A escritura de Mateus, de forma singular, registra as assinaturas de Jesus, em que assume seu dizer. Seu discurso não é unívoco sobre o contexto em que se insere, mas reafirma-se enquanto *Ser-evento* no mundo.

REFERÊNCIAS

- BAKHTIN, M. M. **Para uma filosofia do ato**. Tradução não revisada para fins de uso didático e acadêmico. Trad: Carlos Alberto Faraco e Cristóvão Tezza. 1993 (1920-1924).
- BAKHTIN, M. M. **Teoria do romance I: a estilística**. Trad./prefácio Paulo Bezerra. São Paulo: Contexto, 2015.
- BAKHTIN, M. M. **Estética da Criação Verbal**. [tradução feita a partir do russo; tradução Paulo Bezerra]. 5ª.ed. São Paulo: Martins Fontes, 2006 (1979).





BENVENISTE, E. **Problemas de linguística geral**. São Paulo: Companhia Editora Nacional/ Editora da Universidade de São Paulo, 1976.

BÍBLIA. **Bíblia de Estudo**. Anotações, esboços e referências: DAKE, Finis Jennings. Trad. João ferreira de Almeida. Edição Almeida Clássica. Editora Atos, 2012.

BOYER, O. **Pequena Enciclopédia Bíblica**. Rio de Janeiro: CPAD, 2009.

BRANDÃO, H. H. N. **Polifonia e estratégias de monofonização**. Estudos Linguísticos XXIII, *Anais de seminários do GEL*, vol. I, São Paulo, 1994.

BARTHES, R. **O grau zero da escritura**. São Paulo. Cultrix, 1971.

BOTTÉRO y OTROS. **Cultura, pensamiento, escritura**. Primera edición, Barcelona, 1995.

FARACO, C. A. **Linguagem & diálogo**: as idéias linguísticas do círculo de Bakhtin. São Paulo: Parábola, 2009.

FRANCELINO, P. F. (Org). **Teoria dialógica do discurso**: exercícios de reflexão de análise. João Pessoa: editora da UFPB, 2013.

MEDVIÉDEV, P. N. **O Método Formal nos estudos literários**: introdução a uma poética sociológica. Tradutoras: Sheila Camargo Grillo e Ekaterina Vólkova Américo – 1ª ed. São Paulo: Contexto, 2016 (1928).

SABBAG, D. C. **Dicionário Bíblico**. São Paulo: DCL (Difusão Cultural do Livro), 2009.

SANTANA, W. K. F. de. Heterodiscursividade e Axiologia no primeiro capítulo do Cântico Dos Cânticos. In: SINALP - Simpósio Nacional de Literatura Popular, 2017, Joao Pessoa. *Cultura Popular e Cosmopolitismo - Simpósio Nacional de Literatura Popular. Anais*. Joao Pessoa: Midia Editora, 2017. v. 1. p. 6-247.

SOBRAL, A. **Do dialogismo ao gênero**: as bases do pensamento do círculo de Bakhtin. Série Ideias sobre a Linguagem. São Paulo: Mercado das Letras, 2009.

TEXEIRA, A. P. T.; BLASQUE, R. M. G.; SANTOS, C. D. dos. **A exposição oral na sala de aula**. Universidade Estadual de Londres, 2008.

VOLOCHÍNOV, V. (círculo de Bakhtin). **Marxismo e filosofia da linguagem - Problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem**. Tradução de Sheila Grillo e Ekaterina Vólkova Américo – Ensaio introdutório de Sheila Grillo. 1ª ed. São Paulo: Editora 34, 2017 (1929).

ZUMTHOR, P. **Performance, Recepção, Leitura**. (1990). Trad. Jerusa Pires Ferreira e Suely Fenerich. 2. ed. São Paulo: Cosac Naify, 2007.

